



## **A Construção da Identidade Italiana à Paulistana: Um Estudo da Festa de Nossa Senhora Achiropita (SP) a Partir de sua Procissão.<sup>1</sup>**

**João Renato de Souza Coelho Benazzi<sup>2</sup>**

**Faculdade de Comunicação Social – Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

### **Resumo**

Nesse trabalho foi analisada a procissão realizada durante a festa de Nossa Senhora Achiropita, no bairro do Bixiga, em São Paulo, SP, com o objetivo de compreender de forma aprofundada qual o projeto de identidade materializado no discurso e nas práticas dos voluntários que a realizam, os equipistas. Partindo de herança de italianidade à paulistana, os processos de identificação dos descendentes de imigrantes italianos em São Paulo encontram na convivialidade, na religiosidade e num estilo de vida peculiar expressos durante a procissão pontos importantes de apoio na construção de tal discurso. A festa e a procissão em particular, por meio de seus organizadores e dos equipistas mobilizam ativamente tais elementos do discurso mas o fazem a partir de uma visão intercultural da comunicação e da construção de identificações.

**Palavras-chave: Identidade; Sociabilidade; Festa; Consumo; Comunicação.**

### **Introdução**

A problemática da qual parte a pesquisa aqui apresentada diz respeito às negociações por pertencimento lançadas por grupos que não são migrantes recém-estabelecidos no Brasil; pelo contrário, são grupos que, embora mobilizem de forma variada argumentos de etnicidade em seus discursos de identificação (BAUMANN, 2010), estão há pelo menos mais de uma geração no Brasil. Para Baumann (2010), diferentes comunidades mobilizam de forma diversa os recursos que possuem para construir uma narrativa de identidade a partir de seus projetos de identidade (VELHO, 2013a). Fatores como etnia, religião e filiação a um estado nacional (ANDERSON, 2008) se mesclam em um complexo jogo na arena política e na construção de significados de pertencimento associados a tal dinâmica. Mesmo assim, o objeto de

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, consumo e subjetividade, do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Faculdade de Comunicação Social da UERJ e Professor do departamento de Administração da PUC-Rio. Doutor em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ e mestre em Administração pela PUC-Rio. [jbenazzi@gmail.com](mailto:jbenazzi@gmail.com)



pesquisa aqui focalizado (os encontros na festa de Nossa Senhora Achiropita – NSA- em São Paulo, durante a realização da procissão em honra da mesma Santa) manifestam ecos das tradições dos ancestrais imigrantes e permanecem se valendo de tais aspectos em seus discursos, usando-os como recursos, nos termos de Yúdice (2004) e a partir da noção de campo de possibilidades (VELHO, 2013b).

A partir de objeto de pesquisa tão intenso em simbolismos para o imaginário e para a construção de identificações como as festividades marcadas por caráter étnico e pelo consumo de sua comida, examino a problematização da identidade cultural brasileira na contemporaneidade e as variadas formas de se lidar com o processo de globalização em curso, focalizando em seus aspectos culturais. O objetivo é descrever as novas modalidades e formas de enunciação de suas identificações, lealdades e pluripertencimentos (ELHAJJI, 2007; 2008; 2012). As festas, por serem locais de trocas e de redes, são aqui compreendidas como expressões culturais que põem em evidência a face transnacional das identificações associadas, já que mobilizam ativamente pluripertencimentos. Estas considerações podem ser condensadas nas seguintes questões de pesquisa: Como se inscreve a festa de NSA na narrativa de italianidade contemporânea paulistana? Como podemos compreender esta festa de celebração étnica e religiosa centrada na produção e consumo de comida como encontro de negociação de suas identificações? Até que ponto a procissão de NSA, realizada durante a festa, auxilia na construção de tal discurso de identidade? Metodologicamente, o trabalho aqui apresentado foi construído a partir da observação participante dos dias de festa (cujos resultados não são aqui apresentados) e, foco sim desse texto, da observação da procissão realizada em um dos dias da festa.

### **Identidade, identificações, estilo de vida e interculturalidade**

Contemporaneamente, a construção das auto-identidades também constitui um exercício reflexivo (GIDDENS, 2002 e Hall, 2003a; 2003b). A manutenção de narrativas de vida coerentes, ainda que continuamente revisadas somente se produz em ambiente de variedade de escolhas possíveis, marcadamente influenciado pelo que Giddens (2002) chama de sistemas abstratos (distantes da experiência individual) e



confere o caráter reflexivo do eu. Castells (1999) aponta ainda que a identidade, por seu caráter de autodefinição, organiza significados enquanto papéis organizam funções. Na Comunicação Intercultural (CIC) papéis e identidades são negociados continuamente em seus processos de produção e reconfiguração dos significados envolvidos no processo. Tal conjuntura afeta a constituição do sujeito, suas formas de expressão e relações no tocante ao afetivo, ao consumo e às formas sociais de interação. Afeta o “estilo de vida”, isto é, a forma como o sujeito leva sua vida, que, por seu turno, impacta a forma como o indivíduo constrói imagens sobre si e sobre as suas afiliações e pertencimentos grupais (GIDDENS,2002). Segundo Giddens (2002, p. 79), é importante compreender que “estilo de vida” significa muito mais do que simplesmente consumismo superficial: o estilo de vida pode ser definido como o conjunto das práticas que o indivíduo incorpora em sua vida que não preenchem apenas necessidades utilitárias, mas “dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade”. Tais práticas se transformam em rotina na medida em que são absorvidas e se expressam em decisões cotidianas e banais da vida: na maneira de vestir, de comer, de beber, nos lugares que alguém seleciona para encontrar os amigos... Esse conjunto de práticas é a expressão das decisões não só em termos de escolhas superficiais, mas por informar sobre quem se é. Nesse contexto, a noção de “estilo de vida” toma um papel destacado: se a tradição perde força na determinação das percepções sobre si mesmo, o resultado da confrontação entre tendências pasteurizadoras do global e amarras diferenciadoras do local encontra vazão nas seguidas escolhas realizadas quanto ao modo de condução de nossas vidas a partir de cardápio de opções que se mostra progressivamente ampliado. Essa condição, aliada à acelerada produção de formas inovadoras de autoridade, torna a simples escolha do estilo de vida um processo de decisão revestido de crescente importância, tanto na produção dos modos cotidianos de vida quanto na construção simbólica que fazemos de nossas existências e nas percepções que moldamos sobre nós mesmos (HALL,2011). A ênfase, portanto, recai na comunicação como processo essencialmente simbólico e passível, assim, de análise interpretativa. O contexto



multicultural contemporâneo, em que se misturam e se encontram variados discursos de CIC e estilos de vida associados, pode ser entendido como de grande confusão. Na verdade, o que talvez se destaque, para Beck (1997) é a profusão de códigos de comunicação, muito mais fundamentados nas microescolhas individuais e de pequenos grupos, moduladas pelos estilos de vida, do que em normas grupais e tradições essencializadas (BAUMAN, 2010). Mesmo os códigos de comunicação e de comportamento não são exclusivos ou compreensíveis apenas para um grupo específico. A face da comunicação intracomunitária e direcionada ao fechamento comunitário, como afiança ElHajji (2006), já não dá conta das demandas da sociedade democrática. Os códigos não estão mais alocados univocamente na relação com um grupo, antes o contrário. É a capacidade de dominar uma variedade de códigos que produz a “arte de estar à vontade no redemoinho” (BECK, 1997, p. 46).

Uma agenda para a CIC passa pelo domínio de variedades crescentes de códigos de significação, característica central da interculturalidade. Mais que aderir ao contexto, utilizar a dúvida permite que a experiência de comunicação intercultural seja vivida de forma variada, combinando o que parece contraditório ou incompatível e reconhecendo, com tolerância, que seu destino primeiro é a incerteza e que o diálogo com alteridade e a diferença (WOODVARD, 2000) são o risco a ser corrido.

### **A festa de Nossa Senhora Achiropita**

A festa de Nossa Senhora Achiropita (NSA) é ligada à comunidade ítalo-brasileira, sendo promovida pela Ordem dos Orionitas e vinculada diretamente à religião católica. É uma festa que busca angariar recursos para a paróquia de NSA localizada no bairro da Bela Vista em São Paulo - SP, dedicada à santa italiana de mesmo nome, ligada à comunidade calabresa imigrante em São Paulo que tanto fundou a paróquia como promoveu sua primeira festa. O evento gira em torno de barracas que produzem grandes quantidades de comida autodenominada italiana, é promovido anualmente há 89 anos nos finais de semana do mês de agosto e se autopromove a festa italiana mais tradicional no Brasil principalmente devido a sua antiguidade. A italianidade da festa, além do estilo da comida, também é marcada



pela música que é tocada no sistema de alto-falantes do evento. A comida servida é fundamentalmente comida de rua, concebida para ser produzida e consumida na rua, em contraposição à comida de casa ou de restaurantes. A comida de rua precisa ser mais simples do que outras versões semelhantes do mesmo prato, já que é servida e consumida em pé e em porções que podem ser seguradas com apenas uma das mãos, enquanto se manuseia com a outra um talher. Tais peculiaridade intensificam o seu caráter aglutinador de pessoas já que – e também porque se trata de uma festa – a comida não é consumida solitariamente. A porção reduzida viabiliza baixos preços de venda, o que, por sua vez, torna as festas bastante populares, pois os preços praticados não operam como filtro seletivo para a participação mais ampla da população local. É, portanto, festa muito popular que mescla comida de rua e música, em redes de trocas e diálogos que se inserem nos contextos culturais e nos modos de vida urbanos da maior metrópole brasileira. Mais informações sobre a festa podem ser encontradas em <http://www.achiropita.org.br/festa-da-padroeira>. Uma análise da sociabilidade que se estabelece na festa a partir dos voluntários que trabalham na festa, os equipistas, na construção de identificações de cunho marcadamente intercultural já foi objeto de outro trabalho relacionado a este (Benazzi, 2015).

### **A procissão de NSA**

A procissão ocorreu no dia 17 de agosto de 2014, num sábado, sendo a data mais próxima do dia de comemoração da Ascensão de Nossa Senhora (15 de agosto). Houve muita divulgação sobre a procissão nos dois finais de semana anteriores à sua realização nos sistemas de comunicação por alto-falantes da festa. A procissão teve início às 15hs, duas horas antes do início da festa de NSA daquele sábado, portanto. Mesmo assim, a presença de público na procissão foi relativamente pequena, cerca de 300 pessoas apenas. Quando comparada à presença estimada de 20 mil pessoas por noite de festa, tem-se a dimensão da diferença de interesse do público pelos dois eventos. Ainda assim, foi marcante na procissão a presença dos equipistas. Cerca de dois terços dos participantes eram equipistas uniformizados, prontos para, ao final da procissão, trabalhar outra noite na festa. Parte dos participantes na procissão era



constituída por senhoras de mais idade. A procissão sai da Igreja de NSA e retorna ao mesmo ponto de partida após circular pelo bairro do Bixiga. É interessante notar que a procissão escolhe trajeto peculiar em que evita as ruas do bairro vizinho da Bela Vista. O Bixiga concentra edificações mais antigas, casas simples, alguns sobrados e alguns prédios de até oito andares na parte baixa do entorno da Igreja de NSA, enquanto na Bela Vista estão situados condomínios de 20 ou mais andares, bem mais novos e de classe média alta. A procissão circula devagar pelas ruas do Bixiga levando o andor de NSA, um carro de som e, além de equipistas e outros públicos, os padres da igreja e boa parte dos membros da organização da festa. Os padres se revezam ao microfone nas orações, como numa procissão tradicional. No entanto, na procissão de NSA um excelente serviço de relações públicas se faz notar. Quando a procissão dobra uma esquina um equipista passa ao padre que está no microfone do carro de som uma ficha de papel, pautada e com anotações. O padre, então, chama a atenção dos que estão na procissão para dona Célia, de 82 anos, que está na janela de seu sobrado, em cujo parapeito repousa linda toalha de mesa de linho branco bordada (tal como nas procissões do interior e de antigamente). O padre agradece os acenos de dona Célia e a abençoa. Mais 20 metros de procissão, nova ficha nas mãos do padre e novas menções a fiéis da comunidade, novas bênçãos. A procissão da festa é, assim, um ritual que se repete a cada ano e é uma ocasião em que o grupo de equipistas reafirma vários atributos e compromissos relativos a sua comunidade de pertença e de escolha, nos termos de Bauman (2001). É também, nos termos de Maffesoli (2009, p. 85), “uma boa oportunidade para vibrar juntos”. Ou, ainda, nos termos de Maffesoli (2009, p. 80): “O imaginário é determinado pela idéia de fazer parte de algo. Partilha-se uma filosofia de vida, uma linguagem, uma atmosfera, uma idéia de mundo, uma visão das coisas, na encruzilhada do racional e do não racional.”

A procissão é, portanto, a afirmação identitária dos equipistas, em que eles comemoram e cimentam seus vínculos no auge de todo um processo que se repete anualmente e no qual eles seguem se engajando. A cada ano tornam a escolher participar da procissão e da festa, reafirmando seus vínculos de escolha.





Emocionados, veem na procissão um momento de religação (de religare, etimologia de religião), de cimentar seus vínculos, de orgulhosamente viver seu modo de vida. Outra vez, para Maffesoli (2009, p. 61), “se trata [...] de uma oportunidade de entrar em comunhão e, eventualmente, em transe”. Cabe aqui também reafirmar o entendimento de que, no aspecto imaginal, é exatamente o estar junto, o compartilhar das imagens abstratas – sobre si, sobre os outros e sobre o nós - que se faz revelador, tal como, e mais uma vez, afirma Maffesoli (1995), que a força do imaginal está exatamente na sua força de atração, no estar com o outro e fazer com e pelo outro.

É muito frequente a presença de pequenos altares cuidadosamente decorados sobre a calçada, em frente à casa de um devoto. É uma procissão, portanto, para reafirmar também laços comunitários, sendo Nossa Senhora Achiropita o elo nucleador do processo. A procissão é filmada por um membro diligente da equipe de filmagem composta de equipistas, integrante da equipe de comunicação, capitaneada pelo casal coordenador Miguel e Mônica. Reafirma-se também aqui o alto grau de organização da festa e o extremo cuidado com a execução de estratégias de comunicação que irão reforçar os laços comunitários. Não se conseguiu saber a intenção dos organizadores da festa, mas as imagens captadas durante a procissão muito provavelmente seriam veiculadas para outros equipistas e membros da comunidade que dela não puderam participar. Muitas são disponibilizadas no site de internet da Festa (<http://www.achiropita.org.br/festa-da-padroeira>).

A procissão seguiu sempre em ritmo constante e lento, com apenas breves paradas para bênçãos, mas em alguns pontos da procissão, quatro para ser preciso, houve uma parada um pouco mais longa. Nesses quatro pontos houve uma espécie de minievento promovido por moradores de casas em frente às quais a procissão se deteve. Nesses pequenos eventos havia uma casa com todas as janelas abertas, com toalhas de mesa expostas nas janelas, uma imagem de NSA na calçada, fitas nas cores da bandeira italiana e cartazes sobre a festa na porta de entrada. Eram todas residências de equipistas, e os donos da casa e familiares apareciam orgulhosamente nas sacadas ou janelas vestindo o uniforme de equipista. Houve também nas quatro



paradas alguns estampidos de rojões, papel picado (sempre nas três cores da bandeira italiana) e muitos aplausos dos que estavam na procissão. O serviço de relações públicas agia prontamente e o padre ao microfone tecia longos elogios às famílias, a sua devoção a NSA e seu engajamento nas atividades da procissão e da paróquia. A procissão passou em frente ao CEDO, onde está a grande imagem de NSA doada pela escola de samba Vai-Vai. Essa imagem tem cerca de três metros de altura e está num pequeno jardim, próximo à calçada que dá para a rua, e está protegida por panos de vidro em toda a sua volta e por um telhado. A procissão também parou em frente a essa grande imagem da santa e houve longa salva de rojões, e balões de gás nas cores da bandeira italiana foram soltos.

Aqui se percebe o grande cuidado com a narrativa tecida em sempre conectar os valores e símbolos de NSA com a italianidade, pelo uso das cores, da bandeira, do apelo às raízes italianas, no permanente e intenso resgate da memória da imigração italiana e suas raízes com o bairro do Bixiga, por onde a procissão passa. Mas os elementos e apelos da narrativa mobilizados se valem todos da interculturalidade. A narrativa se realiza sempre com a perspectiva de manter vivos o simbólico da italianidade, das raízes da imigração, do Bixiga como local de acolhida e da religião e os mobiliza com objetivo de integrar esses elementos no presente, sem um culto a qualquer suposta essência identitária ancorada num passado. Também não elege inimigos, nem no presente e sequer no passado. Não tem projeto de se manter em suposta pureza. A achropiticidade, assim, é uma construção típica da interculturalidade. Uma das paradas da procissão serve de exemplo para pontuar o que seria essa achropiticidade. A cerca de três quadras de distância da Igreja de NSA, a procissão se detém em uma última parada em frente a um prédio de seis andares. Numa varanda do primeiro andar vemos uma bandeira da Itália sobre uma bela toalha de mesa e mais uma bandeira do Chile na parede ao fundo da varanda. Na mesma varanda um senhor de aproximadamente 85 anos chora emocionado enquanto o padre ao microfone o saúda: é o senhor Juan, viúvo de dona Carlinha, falecida menos de dois meses atrás. O senhor Juan é chileno, dona Carlinha era brasileira e ambos muito





devotos da italiana NSA, equipistas de toda uma vida. O padre ao microfone presta sua homenagem ao casal e destaca as bandeiras na varanda, apelando à grande união de italianos, brasileiros e chilenos na festa de NSA.

Temos a hibridização encarnada aqui. Ela não é apenas projeto a ser construído no discurso, nos termos de Canclini (2004). Aspectos de identificações nacionais, religiosas, da comunidade local e da vida privada de pessoas concretas são usados numa recursividade sem fim, e, nos termos de Quéré (2009), na relação exata e precisa do encontro entre vida vivida e discursos. E é nesses termos que os variados discursos constituem uma segunda vida da festa, da procissão e das identificações aqui construídas e reconstruídas. Uma relação que está manifesta no discurso de identidade que sustenta e dá sentido à vida do senhor Juan, dava à dona Carlinha, dá agora aos que estavam na procissão e aos equipistas e demais membros da comunidade ligados à festa; discurso esse que recursivamente (insisto) é por essa mesma vida, em suas práticas, sustentado: uma narrativa construída para pensar e organizar o futuro das vidas de personagens cotidianos do Bixiga. A achiropicidade aqui manifesta é também intercultural: e só é possível dentro do diálogo e da mescla entre outras tradições e identificações que não se conformam em se manter separadas. Antes pelo contrário: elas se fundem, se mesclam, estão no pequeno cotidiano de vida, na rede construída em pequeninos gestos, diálogos reações do dia a dia. É um artesanato, em que os significados das identificações são propostos – como fez o padre ao microfone na procissão – e são encarnados (porque foram aceitos), o que atesta tanto as lágrimas saudosas do senhor Juan quanto as longas palmas da plateia de equipistas e devotos ao longo de toda a procissão.

É importante lembrar aqui de Maffesoli (2007, p. 48), quando afirma:

“O que se chama de vida cotidiana é feito de microatitudes, de criações minúsculas, de situações pontuais e totalmente efêmeras. É strictu sensu uma trama de minúsculos fios estreitamente tecidos e, separados, completamente insignificantes.”

E é exatamente a partir dessa condição de microatitudes cotidianas, que se separadas perdem o sentido, que podemos afirmar o poder da achiropicidade, também



nos termos de Maffesoli (1995), de cimento social. Assim, percebemos que a procissão é realizada principalmente para os equipistas, e não para um público geral e indeterminado, nem mesmo para os festeiros (aquele que vem à festa para comer e se divertir). A procissão constitui também (além de outros objetivos a cumprir) no momento por excelência para a celebração dos equipistas para si mesmos, para estarem juntos. Maffesoli trabalha com textos de Simmel para chegar à socialidade contemporânea, tendo como fundamento central sensibilidades e experiências do vivido sensível na vida cotidiana. As questões do campo econômico e profissional (tal como na modernidade racional e objetiva), embora relevantes, são insuficientes para compreender os “movimentos de convergência” que aliam o racional com o sensível. Maffesoli usa ainda o conceito de “afinidade eletiva” de Goethe para analisar as relações peculiares entre pessoas sem que exista qualquer determinação de causalidade direta para que tal ocorra (MAFFESOLI, 1998, p. 73). Parte-se aqui do conceito de sociabilidade de Simmel (1983, p. 170):

“... Quando os interesses específicos (em cooperação ou conflito) determinam a forma social, são estes interesses que impedem o indivíduo de exibir sua peculiaridade e singularidade de modo tão ilimitado e independente. [...] O tato é aqui, portanto, de peculiar importância: onde nenhum interesse egoísta imediato ou externo dirige a auto-regulação do indivíduo em suas relações pessoais com outros, é o tato que preenche essa função reguladora.”

Para Maffesoli, nossas escolhas ocorrem a partir de uma racionalidade que se constrói a partir da sensibilidade (e não em oposição a ela), são as “razões sensíveis” que produzem a socialidade de base (*socialité*). A socialidade conecta os indivíduos ao mundo tendo como ponto de partida o sentimento de pertença, tal como vemos entre os equipistas da barraca do espaguete. É exatamente a partir de suas sensações e sensibilidades, portanto, de sua estética (entendida aqui como emoção e não racionalização) e a partir das interações com outros equipistas, festeiros e organização da festa, todas calcadas no senso comum, que se estabelece e se reforça o vínculo comunitário. É tal construção que dá combustível às identificações e molda as identidades dos equipistas. Para Maffesoli, “o ideal comunitário das tribos pós-



modernas baseia-se no retorno de uma sólida e rizomática solidariedade orgânica” (2010, p. 39). A solidariedade que cimenta a tribo se estabelece a partir das trocas e das relações de proximidade sensíveis, nas interações dentro dos grupos. O conceito aqui mobilizado é o de proxemia, a questão de se estar próximo aos demais. Proximidade tanto no aspecto espacial como por dividir o mesmo estilo e valores, no plano do simbólico, portanto. A proxemia é a expressão do modo de estar junto compartilhando o sensível, a percepção de sentir o mesmo, em comunhão (MAFFESOLI, 2006). Portanto há na festa, em sua organização e na procissão extensa variedade de comportamentos que, isoladamente, talvez fossem entendidos como ações banais sem qualquer articulação entre si. Não foi o que observei nem o que compreendi a partir dos dias que convivi com a festa e os equipistas. Vi e senti uma comunidade construída nas interações face-a-face. E entendi também a noção do que é o modo de vida, o estilo Achiropita de ser, de estar no mundo, na metrópole paulistana, sua achiropiticidade. Um modo de viver que combina religião, informalidade, alegria, compromissos mútuos, raízes e memórias de italianidade muita comida gostosa.

### **Para concluir**

Partindo de herança de italianidade à brasileira (Lesser, 2001 ) os processos de identificação dos descendentes de imigrantes italianos em São Paulo encontram na comida, na música, na convivialidade, num estilo peculiar da Festa de NSA pontos importantes de apoio na construção de tal discurso (Bertonha, 2011 e Bonin, 2009) . A festa, por meio de seus organizadores e dos equipistas mobilizam ativamente tais elementos do discurso mas o fazem a partir de uma visão intercultural da comunicação e da construção de identificações, discurso esse do qual a procissão é elemento importante. Hidridizações, mudanças e abertura para o novo e o imprevisível estão presentes (Canclini,2004). Hoje, decorridos tantos anos da chegada dos primeiros imigrantes italianos ao Bixiga e já decorridos quase noventa anos desde a primeira realização da festa percebe-se como a interculturalidade dos processos de construção de identificações se dá em meio a um mundo imaginal, e em permanente



influência da religião, das práticas culinárias e dos valores da comunidade achiropita. Tanto elementos do estilo italiano como um recorrente discurso de valorização da características desse mesmo estilo seguem marcantes e são reconhecidos pelos equipistas que comparecem à procissão de NSA.

Se destaca na análise da festa que ela é organizada por uma comunidade, que acontece em torno da mesma comunidade e que tal comunidade é, ao mesmo tempo, o principal motor e um dos alvos prioritários da festa. É essa mesma comunidade que, por sua vez, se organiza em torno e a partir da igreja de NSA e os equipistas. O processo de seleção dos equipistas se dá em torno dos eventos organizados pela igreja NSA os encontros de jovens com Cristo, os encontros de casais com Cristo e tal ocorre como pré-requisito para compor a equipe na medida em que apenas quem passou por um de tais eventos pode ser aceito como equipista. Mas tal ocorre não apenas como uma pré-condição para ser equipista já que os comportamentos e expectativas quanto aos papéis exercidos são construídos dentro do processo de participar ativamente das atividades da igreja e das reuniões de preparação e treinamento da festa de NSA. O grau de sintonia entre membros e de participação durante os trabalhos da festa apontam para um grupo construído e mantido por laços fortes, auto imagem fortemente introjetada e valores ampla e intensivamente compartilhados entre seus membros: uma identidade e identificação fortes. Os equipistas não apenas trabalham na festa para a arrecadação de fundos para a igreja, mas efetivamente se veem como a parte central da festa. Para os equipistas, os equipistas são a festa em si. Vários aspectos da organização da festa apontam em tal sentido e nesse artigo abordamos em mais detalhe o papel da procissão em tal contexto. Há portanto, uma variada gama de mecanismos e estratégias que são usados em intensa coordenação para construir tal sentimento de pertencer tanto à igreja como à festa. Há aqui uma comunidade com socialidade peculiar, e a festa é um de seus momentos de celebração mais propícios para a compreensão do modo de vida, do estilo de vida, da comunidade.



A longevidade da festa e seu alto grau de organização são indicadores da forma como a festa é alta e detalhadamente organizada o que reforça a perspectiva de que representa de forma muito forte o imaginário construído em torno da italianidade à paulistana. A celebração da qual a festa é expressão pode ser melhor entendida como um momento entre parêntesis, fora do espaço cotidiano da vida e, nesses termos, um momento sagrado em que parte das regras e expectativas se alteram como por exemplo na socialidade específica das filas dos festeiros.

Temos na festa de NSA um exemplo em que o projeto de identidade contido e expresso no discurso de identidade enunciado durante a festa em diversas ocasiões e por diversos meios e narrativas se reforça nas práticas cotidianas da comunidade achiropita. Por seu turno, as práticas e comportamentos observados estão em sintonia com o projeto de identificação e com o discurso de achiropicidade em curso. Há pouca dissonância, portanto, entre uma e outra dimensão da vida simbólica e cultural dessa comunidade, o que contribui fortemente para gerar, em ampla variedade de públicos e audiências para além da comunidade em si, identidade forte e marcada. Os festeiros facilmente reconhecem a festa de NSA e os equipistas como herdeiros legítimos da tradição de italianidade em São Paulo. E reconhecem também que tais tradições estão expressas na música que escutam, na comida que consomem, no estilo de vestir e de se comportar com os quais interagem, face-a-face, durante todos os dias de festa. Assim a festa se afirma como manifestação ética e política, além de cultural e religiosa, sobre a italianidade na cidade e no estado de São Paulo, como identidade de uma comunidade digna de confiança. Uma contribuição importante para o caso da italianidade são as reflexões de Bechelloni (2007, p. 107), que afirma que

“a italianidade origina-se coerentemente de uma pluralidade de fontes e é um produto típico da interação e da comunicação que estão sendo construídas por movimentos da população (os inúmeros grupos de migrantes que entram na Itália e dela saem) e por movimentações de bens e dinheiro, de idéias e obras da mente humana.”

Tais considerações apontam a pertinência de se considerar a Festa de NSA e a achiropicidade com mais uma entre diversas manifestações de italianidade. Por fim,



cabe reafirmar a concepção de que a festa de NSA é um nó, um ponto de intensificação e aglutinação de símbolos e valores culturalmente marcados de uma extensa rede. Uma rede de significados, produtos e manifestações da cultura da metrópole paulistana, em que culturas diversas dialogam e mutuamente se influenciam numa recursividade sem fim. Muito embora a festa tenha uma comissão organizadora, um projeto e uma prática extremamente fortes e eficientes, lide com desafios de grande monta a seu projeto, obtenha resultados muito importantes e consistentes, ainda assim, as dimensões, os resultados e impactos da festa são marcados pelo imponderável, pelo conjuntural, pelo improvisado e pela informalidade. Os variados impactos que a festa gera em suas vizinhanças explicitam tais dimensões, as interfaces de diálogo e os relacionamentos complexos que se criam durante a festa. O risco e a mudança estão sempre presentes na contemporaneidade e a festa de NSA se afirma como uma celebração festiva de um estilo próprio, uma achiropicidade peculiar, uma marca de uma comunidade em permanente transformação em meio a suas tradições, suas raízes baseadas em mais uma italianidade à brasileira (entre outras italianidades à brasileira). Ao mesmo tempo que se vale de tradições, a festa de NSA está em permanente movimento, mantendo diálogo intercultural e aberto com públicos diversos, o que mantém, tanto a festa como sua comunidade, vivas.

### Referências

ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAUMANN, Gerd. El enigma Multicultural. Um replanteamiento de las identidades nacionales, étnicas y religiosas. Madrid: Paidós, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BECELLONI, G. A italianidade como recurso cosmopolita. Matrizes, 1(1) 99-116, 2007. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143017362006>. Acesso em 05/07/2013.

BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony e LASH, Scott. Modernidade reflexiva: trabalho e estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp, 1997.

BENAZZI, João Renato de Souza Coelho Benazzi. Identidade e Comida: Uma Análise Das Sociabilidades e Encontros Interculturais na Festa de Nossa Senhora Achiropita – SP. Disponível em [http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/lista\\_area\\_DT6-CU.htm](http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/lista_area_DT6-CU.htm)

BERTONHA, J. F. Itália: presente e futuro. São Paulo: Contexto, 2011





BONIN, Jiani Adriana. Mídia e memórias: explorações sobre a configuração dos palimpsestos midiáticos de memória étnica italiana. Comunicação, mídia e consumo. Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo. Vol.6, n.15. p.83-102 março 2009.

CANCLINI, N. G. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2004.

ELHAJJI, M.; Communication Interculturelle et Nouvelles Formes de Négociation de la Citoyenneté. Paris: Diogené (Ed. Française), 2008.

GIDDENS, A. Tribulações do eu. In GIDDENS, A. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HALL, S. Codificação/decodificação. In HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003a.

\_\_\_\_\_. A questão multicultural In: SOVIK, Liv (Org.). Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003b.

LESSER, Jeffrey. A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: UNESP, 2001.

MAFFESOLI, Michel. A Contemplação do Mundo. Porto Alegre: Oficinas, 1995.

\_\_\_\_\_. Elogio da Razão Sensível. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2009.

PIASTRO, J. Consideraciones epistemológicas y teóricas para una nueva comprensión de las identidades. In SANTAMARÍA, Enrique (ed.) Retos epistemológicos de las migraciones transnacionales. Barcelona: Anthropos, 2008. (págs. 17-30).

QUÉRÉ, L. Behaviorisme et pragmatisme – enquête et modes d’expérience chez G. H. Mead. In: KARSENTI, B.; QUÉRÉ, L. (org). La croyance et l’enquête. Aux sources du pragmatisme. Raisons Pratiques no 15. Paris: Ed. De L’EHESS, 2009.

SIMMEL, Georg. O Estrangeiro. In: MORAIS FILHO, E. de (org.). Georg Simmel: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In VIANNA, Hermano; KUSCHNIR, Karina; CASTRO, Celso (orgs). Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana / Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Zahar. 2013a.

\_\_\_\_\_. Trajetória individual e campo de possibilidades. In VIANNA, Hermano; KUSCHNIR, Karina; CASTRO, Celso (orgs). Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana / Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Zahar. 2013b.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

YÚDICE, George. A conveniência da cultura: usos da cultura na era global. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2004.